



AGORA E NA HORA DA NOSSA MORTE

AGORA E NA HORA  
DA NOSSA MORTE

SUSANA MOREIRA MARQUES

LISBOA:  
TINTA-DA-CHINA  
MMXIII

© 2012, Susana Moreira Marques  
e Edições tinta-da-china, Lda.  
Rua João de Freitas Branco, 35A  
1500-627 Lisboa  
Tels: 21 726 90 28/9 | Fax: 21 726 90 30  
E-mail: tintadachina@netcabo.pt  
www.tintadachina.pt

Título: *Agora e na Hora da Nossa Morte*  
Autora: Susana Moreira Marques  
Revisão: Tinta-da-china  
Capa e composição: Tinta-da-china

Edição de bolso  
1.ª edição: Janeiro de 2013

ISBN 978-989-671-147-4  
Depósito Legal n.º 353831/13

## ÍNDICE

13  
Notas de viagem  
sobre a morte

47  
Retratos  
*Paula*  
*João e Maria*  
*Elisa e Sara*

113  
Quando regressares  
da viagem que ninguém  
saudável quer fazer, vais

*Para o László*

*Em 2009, a Fundação Calouste Gulbenkian lançou um projecto de cuidados paliativos domiciliários no Planalto Mirandês, em Trás-os-Montes.*

*De aldeia em aldeia, uma médica, enfermeiros e outros profissionais de saúde ajudam dezenas de doentes, de várias idades, condições sociais e circunstâncias familiares, a passar o final de vida com o maior conforto possível, e a morrer, acompanhados, em casa.*

*Este livro é o resultado de várias visitas, entre Junho e Outubro de 2011, a esse projecto e a essas pessoas.*

## NOTAS DE VIAGEM SOBRE A MORTE

*Does the road wind uphill all the way?*

*Yes, to the very end.*

Christina Rossetti, «Uphill»

[...] *E a Morte é uma águia*

*cujo grito ninguém descreve.*

Cecília Meireles, «Canção Póstuma»



Há coisas sobre as quais não se pode escrever como sempre se escreveu. Algo muda. Primeiro os olhos, depois o coração — ou os nervos ou aquilo a que os antigos chamavam alma — e finalmente, as mãos.

—

As primeiras notas que tiro são sobre um homem que nasceu, cresceu, trabalhou, casou, teve uma filha, envelheceu e morreu na mesma aldeia. Na verdade, as notas não são sobre o homem ou sobre a sua vida mas sobre a sua morte. Assim:

A vida da casa e da família acontece toda nesta sala térrea, fresca e escura de uma maneira agradável, com uma grande mesa, um escanho — o típico banco corrido de madeira de Trás-os-Montes —, um fogão e uma porta para o armazém onde se guardam os produtos da terra.

Era Abril, a lareira não estava acesa, mas era junto da lareira que o homem costumava contar histórias, e contou nessa noite, subitamente animado. Despediu-se da família — a filha e a neta tinham vindo da cidade —, disse-lhes boa-noite. À mulher com quem esteve

casado sessenta anos disse que não se esquecesse de tomar os medicamentos.

A aldeia onde o homem nasceu, cresceu, trabalhou, casou, teve uma filha, envelheceu e morreu é bonita, com as suas casas de pedra recuperadas e um belo cruzeiro talhado. É bem arranjada, limpa. Está quieta, muito vazia. Parece um museu.

A viúva, com o seu lenço preto e o rosto fechado, move-se devagar, curvada pela artrose. Anda pelas ruas como uma sombra. Ela sabe que vive no fim de uma época, de um modo de vida. Quando nos formos todos, diz, querendo dizer os velhos, as sombras, lentamente as casas, desertas, caem, e não haverá mais aldeia.

—

«Temos uma grande história. Temos o melhor clima do mundo. Temos as melhores pessoas do mundo», diz um ouvinte na rádio. «Vamos levantar o país.»

A estrada continua, cansada. Vêem-se os caminhos velhos, ao longe a fronteira. Cada vez mais a sensação de ilha. Foi mais fácil chegar do que será partir.

—

Casa de A. ou lugar onde dorme: cama por fazer, mesinha de cabeceira com objectos empilhados, rádio, roupa suja; um lençol pendurado numa corda separa o quarto de uma sanita e do resto do espaço aberto sem revestimento quer no tecto quer no chão.

A. ou homem de passagem pela vida: boné americano, kispo, faces rosadas do álcool, olhos parados, as mãos enrolando um cigarro, um penso cobrindo a parte inferior do rosto destruída por um cancro.

—

Manual de sobrevivência:

1 — Parar. Escutar o bater do coração. Olhar os cerejais selvagens carregados de fruto.

—

As andorinhas já fizeram o ninho sobre a porta traseira; é assim que todos os anos H. se dá conta da Primavera chegando. São pássaros úteis e, para mais, bonitos, pelos quais sempre teve uma predilecção. Mas agora põe-se a olhar para as andorinhas de um modo que nunca olhou, porque talvez não assista a mais uma Primavera.

—

Mas não é a ideia de desconhecido que assusta: é a ideia de que não haja desconhecido; apenas o fim.

—

Na praça central da aldeia — onde está um pequeno espaço ajardinado — ficava o antigo cemitério.

Tornou-se pequeno para tantas mortes e fez-se um cemitério novo. Os mortos ficaram onde tinham sido enterrados e no novo jardim, também uma espécie de vala comum, pôs-se uma pequena placa de pedra:

*Ó vós que aqui entraís  
Lembraí-vos de vossos  
Antepassados, pais  
Avós e amigos que  
Aqui foram sepultados*

—

Depois de muitos, muitos quilómetros, as aldeias são uma só.

—

Levanta-se de manhã, toma o leite mais o marido, senta-se a fazer renda, depois faz o almoço, come mais o marido; à tarde, quando pode, desce o vale no tractor que o marido conduz, faz pela horta, se não pode, pega de novo na renda; janta mais o marido, fala ao telefone com os filhos, vê um pouco de televisão, a renda no colo.

A mesa da sala está decorada com um naperon branco, por cima um castiçal e uma estatueta com três golfinhos azuis. Os sofás também têm rendas sobre as costas.

Tudo está limpo e arranjado. Ela sorri o tempo todo. Há quem diga que o sorriso é nela defeito. Até

quando o barulho do saco das fezes se ouve ruidoso na sala impecável, ela sorri.

—

PALIATIVO: 1. Que serve para paliar. 2. Remédio que não cura mas mitiga a doença. 3. Recurso para atenuar um mal ou adiar uma crise; adiamento. 4. Disfarce.

—

Está acamado há tantos anos que a morte deixou de ser novidade. Tem a pele de um branco finíssimo e da cama pede sempre que deixem a janela aberta. Na Primavera, chegam ecos da alegria. No Inverno, entra neve. Rodeou-se de santos para que o consolem da doença como antigamente o consolavam da pobreza. Lê-se por cima da porta por onde não sairá pelo seu pé:

*Meu Deus  
Dai-me a serenidade  
para aceitar as coisas  
que não posso mudar,*

*A coragem para mudar  
aquilo que sou capaz,  
E a sabedoria para ver  
a diferença.*

—



humilhações, mas também gostava de humilhar, a última vez apenas com o olhar, fazendo a sua mulher sentir que devia ser ela a morrer primeiro. Quando soube que não sobreviveria à doença e que não poderia continuar a caminhar no vasto campo em frente de sua casa, o caçador que gostava de flores pediu misericórdia, que o matassem depressa, por favor. Morreu numa cama sem dizer últimas palavras de significado e nesse dia nasceu no quintal um cachorro que nunca viria a ser cão de caça; foi então levado para um caixão e velado no centro da sua sala, os pássaros empalhados com as asas abertas olhando-o de cima do armário. Na varanda, com vista para a terra que tinha sido a sua maior alegria e que supunha ir gozar em pleno na velhice, tinha o vaso preferido que deu ainda flor na Primavera após a sua morte.

A mulher do caçador que gostava de flores, quando assoma à porta do quarto, vê o marido subir para a cama, deitar-se, morrer. Vê-o uma e outra vez morrer e de cada vez ele não lhe pede perdão. Ela continua a dormir sob o olhar acusador do marido, e ela mesma pergunta-se porque não foi primeiro, se teria sido esse o seu dever. Agora vive sozinha e servem-lhe de pouco consolo as flores que ele deixou.

—

Uma ilha, mas em vez de mar, terra.

—

Uma piscina vazia. Parece maior vazia. A mulher olha para a piscina da janela e pensa nos anos que passaram desde que a piscina tinha água e gente — muita gente, vinda de muitas aldeias (para onde foram todos?) — e ela mantinha o bar aberto até à noite, enquanto houvesse clientes. Da janela vê a solidão sobre a terra. Quando fala para as vizinhas é aos gritos para ter a certeza de que a ouvem. O marido morreu enganado, abençoadamente enganado, nunca soube de que sofria, nunca soube que estava condenado. Todos os dias ela lhe mentia com convicção, era a melhor forma que conhecia de o proteger, e disso não tem remorsos. Mas tem uma certa ideia de que a morte começa muito antes de alguma vez adocermos, sem sofrimento, sem drama, sem um acontecimento memorável.

—

CONSPIRAÇÃO DO SILÊNCIO: 1. Termo técnico usado para descrever a situação em que todos os familiares escondem do doente a sua doença. O médico pode ser convencido ou ele mesmo sugerir manter a ilusão. 2. Termo usado ainda nas situações em que o doente finge que não sabe o que sabe sobre a doença, pensando que os familiares não sabem, e pede ao médico que esconda informação dos familiares. 3. Por vezes o doente finge que não sabe a gravidade da doença e finge ainda que não sabe que os familiares sabem.

—

## AGRADECIMENTOS

Obrigada à Fundação Calouste Gulbenkian pelo apoio à escrita deste livro e pela parceria com a tinta-da-china para a publicação da primeira edição de *Agora e na Hora da Nossa Morte*. Foi do Prof. Jorge Soares, director do Serviço de Saúde e Desenvolvimento Humano da Fundação, a ideia de abordar o tema dos cuidados paliativos — área em que a Gulbenkian tem investido nos últimos anos — a partir de outra perspectiva, diferente da dos profissionais de saúde, para que chegasse a mais pessoas. Obrigada pelo convite e, sobretudo, pelo enorme entusiasmo em relação ao meu trabalho.

O fotógrafo André Cepeda esteve comigo desde o início desta longa viagem e deste processo de trabalho, e a primeira edição de *Agora e na Hora da Nossa Morte*, que incluía uma outra, bela e fortíssima, narrativa fotográfica, foi feita a quatro mãos. Obrigada pela companhia e pela partilha daquilo que foi muito mais do que um projecto.

Obrigada à incansável equipa da Unidade Domiciliária de Cuidados Paliativos a trabalhar nos concelhos de Miranda do Douro, Mogadouro e Vimioso: Dra. Jacinta Fernandes, coordenadora da Unidade, que me

ajudou a abrir as portas de casa de muitos doentes e que abriu as portas da sua própria casa como família; enfermeiros Luís e Patrícia, assistentes sociais Isabelle e Anabela, que me acolheram generosamente nas suas rotinas.

Obrigada a todos os pacientes e familiares pela coragem de falarem comigo, especialmente: Sr. João, Sr.<sup>a</sup> Maria, Dona Lurdes, Sara e Elisa. Obrigada ainda à família da Paula. Guardo com muito carinho e admiração a memória da Paula.

Obrigada à minha editora Bárbara Bulhosa, por me dar tanta segurança; à Madalena Alfaia, pela leitura verdadeiramente extraordinária; e ainda à Inês Hugon e à Vera Tavares. Toda a equipa da tinta-da-china me fez sentir que tinha encontrado uma casa.

Obrigada ao José Agostinho Baptista pela cortesia de me deixar repetir o título do seu belíssimo livro de poesia, editado pela Assírio & Alvim em 1998.

E ainda, obrigada:

À Alexandra Lucas Coelho, porque sem ela talvez não chegasse a escrever. À Bárbara Gomes, que me mostrou como os cuidados paliativos são um tema apaixonante. À minha família, por me aturar continuamente.

*Susana Moreira Marques nasceu no Porto, em 1976. Escreve para jornais e revistas desde 2004 e actualmente colabora com o Público e com o Jornal de Negócios. Entre 2005 e 2010 viveu em Londres, onde foi correspondente do Público e trabalhou na BBC World Service. O seu trabalho recebeu diversos prémios de jornalismo, de entre os quais se destacam, em 2012, o Prémio AMI — Jornalismo Contra a Indiferença e o Prémio Direitos Humanos e Integração, atribuído pela Comissão Nacional da Unesco e o Gabinete para os Meios de Comunicação Social. Vive em Lisboa com o companheiro e a filha. Este é o seu primeiro livro.*

AGORA E NA HORA DA NOSSA MORTE  
FOI COMPOSTO EM CARACTERES HOEFLER  
TEXT E IMPRESSO PELA GUIDE, ARTES GRÁ-  
FICAS, SOBRE PAPEL CORAL BOOK DE 90  
GRAMAS, NUMA TIRAGEM DE 1500 EXEM-  
PLARES, NO MÊS DE JANEIRO DE DE 2013.



